

Homens modernos e um novo modelo para o Brasil: A correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-42)

Modern Mens and a new model for Brazil: Correspondence between Monteiro Lobato and Arthur Neiva (1918-42)

Nelson Ibañez¹

Juliana Roncon²

Olga Sofia Fabergé Alves³

Resumo: O artigo tem como objetivo central a análise contextualizada da correspondência entre o cientista Arthur Neiva (Salvador, 1880-Rio de Janeiro, 1943) e o escritor, editor e intelectual Monteiro Lobato (Taubaté, 1882-São Paulo, 1948) no período de 1918 a 1942. Utilizaram-se as cartas do Acervo Arthur Neiva do CPDOC/FGV, além de documentos escritos por estes dois personagens, tais como livros, discursos e artigos, fontes auxiliares para a análise de nossa fonte principal abrindo a perspectiva da relação destes atores a outros temas. A correspondência extrapolou o tema saúde pública, que originou a troca epistolar, passando pelas mazelas nacionais e burocracia brasileira, pela influência lusitana, pelo desenvolvimento da indústria editorial, e pela busca de um modelo desenvolvimentista para o Brasil idealizado na experiência americana de Monteiro Lobato.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, Arthur Neiva, Saúde Pública, São Paulo, Petróleo.

Abstract: *The central objective of this article is the contextualized analysis of the correspondence between the scientist Arthur Neiva and the writer, publisher and intellectual Monteiro Lobato, in the period 1918-1942. We used the letters of the Archive Arthur Neiva in CPDOC / FGV, and documents written by these two characters, such as books, speeches and articles, auxiliary sources to analyze our main source opening at the relationship of these actors to other topics. Correspondence extrapolated the theme public health, which originated the epistolary exchange, through the serious problems and Brazilian bureaucracy, the Portuguese influence, the development of the publishing industry, and the pursuit of a developmental model for Brazil idealized in the American experience of Monteiro Lobato.*

¹ Coordenador do Laboratório Especial de História da Ciência do Instituto Butantan. Contato: nelson.ibanez@butantan.gov.br

² Historiadora formada pela USP.

³ Pesquisadora Científica do Laboratório de História da Ciência do Instituto Butantan. Mestre em História Social pela FFLCH/USP. Contato: olga.alves@butantan.gov.br

Key words: Monteiro Lobato, Arthur Neiva, Public Health, Sao Paulo, Petroleum.

Introdução

O presente artigo é produto de um projeto de pesquisa⁴ que teve como objetivo central a análise contextualizada da correspondência⁵ entre o médico e cientista Arthur Neiva e o escritor, editor e intelectual Monteiro Lobato.

A metodologia empregada na pesquisa buscou, por meio da intersecção da correspondência, das biografias, da documentação dos arquivos pessoais e da produção bibliográfica, traçar uma periodização levando em consideração as semelhanças e diferenças entre as visões de Brasil desses dois autores e de seus projetos para o país. Notamos que os assuntos tratados nas cartas abrangiam temas para além da questão da saúde pública, tema inicial do projeto. Com auxílio de fontes secundárias, incluímos uma análise relativa a questões como sociedade, ciência, economia e política. Foram utilizados, além das cartas, documentos escritos por estes dois autores tais como livros, discursos e artigos, fontes auxiliares para a análise de nossa fonte principal, que possibilitaram o alargamento da compreensão da relação destes atores.

Sendo a correspondência a fonte principal deste trabalho, é importante destacar que escrever cartas é mostrar-se ao destinatário. A correspondência é uma forma de produção intelectual que permite estabelecer laços e que pode ser guardada e lembrada, formando uma memória. É o destinatário que passa a ser o proprietário do documento. Nas palavras de Angela de Castro Gomes:

A escrita epistolar é uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos. Isso ocorre em sentido duplo, tanto porque se confia ao "outro" uma série de informações e sentimentos íntimos, quanto porque cabe a quem lê, e não a quem escreve (o autor/editor), a decisão de preservar o registro. A ideia de pacto epistolar segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas. (Gomes, 2004, p. 19)

Gomes chama a atenção para a categorização da correspondência feita pelo historiador francês Michel Trebitsch, para quem há dois tipos principais de corres-

⁴ Projeto de pesquisa CNPq com bolsa PIBIC para Juliana Roncon - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob orientação de Nelson Ibañez, 2005.

⁵ No total são 138 cartas trocadas durante um período de 23 anos do arquivo do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, Fundo Arthur Neiva. A coleção é parte da correspondência trocada entre eles. Outra coleção está arquivada no Instituto Biológico de São Paulo, do qual Neiva foi diretor a partir de 1928. Agradecemos a Vladimir Sacchetta a seção de uma cópia da correspondência.

pondência: 1) a que funciona como instrumento de construção de redes (não interessa tanto o conteúdo, mas a possibilidade de traçar as relações a partir dela); e 2) a de amizade intelectual, que permite aproximação com circuitos informais de sociabilidade e que evocaria sentimentos, trocas de idéias e favores, em geral, trocados entre intelectuais de uma mesma geração e de posições aproximadas no campo cultural. A correspondência entre Neiva e Lobato enquadra-se neste segundo tipo.

Monteiro Lobato era um grande missivista. Trocou cartas por um longo período com Godofredo Rangel, Oliveira Vianna, Lima Barreto, Anísio Teixeira entre outros. Segundo Gomes (2004), Monteiro Lobato dizia gostar de escrever cartas em “mangas de camisa” – muitas vezes manuscritas, marcadas pela oralidade e descontração.

As cartas aqui analisadas e que compõem o Arquivo Pessoal Arthur Neiva do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) não são inéditas, pois já foram publicadas por Cassiano Nunes no livro “Patriotismo Difícil” em 1986. Trinta dessas cartas estão manuscritas, o que exigiu um trabalho de transcrição paleográfica para melhor análise, as demais estão datilografadas. Algumas se apresentam em papel timbrado das respectivas Instituições e Empresas das quais os personagens fizeram parte ou criaram no decorrer de suas vidas (Lobato – Revista do Brasil, Lobato & Cia Editores, Brazilian Consulate, Cia Petróleos do Brasil; Neiva - Diretoria do Serviço Sanitário, Instituto Oswaldo Cruz, Museu Nacional).

O Acervo é composto de 138 cartas, sendo 85 cartas de Monteiro Lobato para Arthur Neiva e 53 respostas. A organização do CPDOC considerou muitos anexos como cartas, mas que reagrupamos à respectiva correspondência. Algumas cartas não apresentam data, mas trazem fortes indícios do período em que foram escritas e buscamos por meio do conteúdo, sua inserção em determinado contexto histórico e sua possível posição cronológica.

O eixo maior para a contextualização dessa correspondência teve dois pontos iniciais de apoio que foram: a leitura atenta das cartas e uma primeira seleção de temas abordados pelos envolvidos, delimitando os períodos e a intensidade da correspondência e o levantamento biográfico situando numa linha de tempo as naturezas dos objetos comuns de interesse, relações de personagens que interagem no ambiente intelectual dos diferentes períodos e fatos e posições exercidas que possibilitasse a inserção histórica destes na vida nacional. Outro referencial utilizado para a periodização foi o livro *Monteiro Lobato. Furacão na Botocúndia* (Sacchetta, 1997), no qual os autores definiram uma periodização a partir das ideias apresentadas por Lobato em determinado momento.

A periodização proposta trabalhou com três períodos significativos dessa relação: **1918-1924** – período com 32 cartas (23 de Lobato e 9 de Neiva), relacio-

nado ao encontro de afinidades e um projeto editorial de divulgação da agenda nacional da saúde pública no início do século XX; **1927-1931** – período com 22 cartas (16 de Lobato e 6 de Neiva), fortemente influenciado pela ida de Lobato aos EUA e pelas mudanças em curso com novas concepções nacionais sobre a política e as alternativas para o desenvolvimento econômico; e **1932-1942** - período mais intenso da correspondência, com total de 84 cartas (46 de Lobato e 38 de Neiva), em que a inserção dos dois atores em atividades políticas como empreendedores empresariais, reforça a troca de ideias, favores e suas posições nos campos cultural e econômico.

1918-1924- Saúde Pública e um projeto editorial.

Lobato e Neiva se conheceram durante as Expedições Manguinhos, que motivadas pelos escritos de Euclides da Cunha sobre o interior do país, visavam analisar os problemas sociais sob uma visão científica. As fotografias, as descobertas de novas endemias e as péssimas condições de vida revelaram às elites litorâneas um novo país, muito diferente do modelo de civilização almejado (Hochman, 1998). Também foram membros da Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1918, ao lado de Renato Kehl, Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Arnaldo Vieira de Carvalho, entre outros (Stepan, 2005).

Um fato relevante a ser anotado neste período é o de que Lobato, apesar de ter tomado contato com as primeiras expedições de Oswaldo Cruz (1906), tinha uma ideia pessimista de realidade nacional e do “caboclo” brasileiro⁶.

Além disso, Lobato sofria influência das ideias de identidade das transformações culturais do início do século XX, oriundas do pensamento naturalista predominante em sua época, e de sua vivência na administração de fazenda herdada (permanece na fazenda de 1911 a 1917). Essas ideias tinham origem o determinismo biológico, muito difundido em círculos científicos da Europa, influenciados pelo darwinismo social de Herbert Spencer e Francis Galton, que propunham um modelo da evolução natural do homem baseado na hierarquia das raças. Um país como o Brasil miscigenado pelas chamadas “raças inferiores”, como o índio e o negro, não teria futuro na visão desses adeptos.

⁶ Hochman e Lima afirmam que: “A ideia de que o caboclo indolente e parasitário poderia sofrer profunda transformação e tornar-se um agente de mudança social e modernização passa a ser defendida por Monteiro Lobato após o contato com as propostas e os intelectuais que participaram da campanha em prol do saneamento do Brasil, no período que se estende de 1916 a 1920. No mesmo ano de 1918 em que Belisário Penna publicou Saneamento do Brasil, Monteiro Lobato lançou Problema Vital, que reúne série de artigos sobre o tema do saneamento divulgados originalmente em O Estado de S. Paulo, entre os quais um dedicado à ressurreição do Jeca Tatu”. (2000, p. 322).

Motivada pelas ligas patrióticas que surgem no pós-guerra Primeira Guerra e a viagem de Belisário Penna⁷ e Arthur Neiva, há uma mudança nessa visão pessimista da realidade brasileira por Lobato, que passa a ver o problema do atraso e da preguiça do Jeca Tatu como resultantes da doença e da ausência do Estado Republicano e não mais como resultado da miscigenação. “O Jeca Tatu não é assim, está assim”⁸. Esse diagnóstico deu origem à Liga Pró-Saneamento do Brasil, uma campanha com o intuito de esclarecer as elites da necessidade de sanear os sertões e levar o Estado Nacional a essas regiões⁹.

Um dos vários pontos que a documentação incita se refere à relação entre a ciência e a questão nacional. A ciência é vista como uma solução ao atraso nacional em relação às potências europeias e aos Estados Unidos na etapa histórica rumo ao progresso.

Respondendo às novas ideias da microbiologia de Pasteur, a medicina do começo do Século XX sofre uma mudança na prática que estabelecia uma nova relação entre sintoma e moléstia construída por um conhecimento adquirido por meio do estudo de fenômenos de observação entre animal e microrganismo, utilizando-se de novas aparelhagens.

Os médicos com essa formação experimental gozavam de certo distanciamento, tanto do que chamavam de charlatões, quanto dos que identificavam como praticantes do ecletismo e empirismo indutivo da “arte médica”. Dada a visibilidade social das ciências, tal como ocorria na Europa, e de como adviria, acreditavam o seu alto padrão de civilização (Hochman, 1998, p.110).

Durante a chamada *belle époque*, é feita uma tentativa do presidente Rodrigues Alves de produzir uma vitrine de captação dos interesses estrangeiros através de um “processo civilizatório” urbanístico, com a demolição de prédios antigos, e a construção de modernos edifícios ao estilo “*art déco*” e a implementação de reformas sanitárias nos grandes centros urbanos e na capital federal, apesar das revoltas populares contra a desocupação autoritária e exclusão

⁷ Belisário Augusto de Oliveira Penna: nasceu em 1868 em Barbacena (MG) e diplomou-se em Medicina (1890). Entre 1907 e 1910, foi responsável pela organização do controle da malária ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1912, com Arthur Neiva, participou da expedição do Instituto Oswaldo Cruz para exame das condições sanitárias de vários estados do Norte e Nordeste do país. O relatório da viagem foi publicado em 1916. Em 1918, criaram a Liga Pró-Saneamento do Brasil, que institucionalizou o movimento que agregava médicos, cientistas, intelectuais e políticos numa ampla mobilização pública em prol da reforma dos serviços de saúde pública. Publicou o livro *O Saneamento do Brasil* (1918).

⁸ Epígrafe para a coletânea de artigos de Monteiro Lobato publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1918 e transformado no livro “*Problema Vital*”.

⁹ Uma das justificativas de Penna era o risco de epidemias alcançarem as regiões litorâneas vindas do interior, pois de nada adiantaria sanear os portos e as grandes cidades porque a doença atingia a todos de forma igual. Além disso um dos entraves para a exportação agrícola e industrial era a falta de controle sanitário da produção. (Hochman, 1998. p.69-75).

espacial (Costa e Schwarcz, p.29). Os idealizadores da “*belle époque*” também visavam desvendar os problemas do país através da visão científica e assim inserir a nação dentro das linhas do progresso histórico segundo o modelo europeu.

Acreditavam que para isso era necessário desvincular o país de duas heranças negativas: a da raça, fruto da escravidão que só teria solução com uso da ciência da eugenia e com a extinção da doença, entrave para a superação do indivíduo inutilizado pela doença para o trabalho; e a herança colonial portuguesa que gerou uma economia dependente do mercado externo e uma cultura de bacharéis cega aos reais problemas da população ainda ligada às correntes românticas (Sá, 2006, p.64).

Na correspondência, a divulgação do conhecimento científico foi o que mais aproximou os dois personagens. Lobato era um sucesso com os seus contos e artigos em *O Estado de S. Paulo* e com seu envolvimento na Liga Pró-Saneamento do Brasil. Arthur Neiva tinha seus textos também divulgados na imprensa e em livros e via Lobato como um escritor que sabia se comunicar com o público com uma linguagem leve, direta e divertida. Para ele, este estilo era perfeito para propagar ideias de higiene e saneamento e conquistar a elite econômica de São Paulo, a opinião pública da época, para financiar o saneamento no interior do Estado e, depois, o interior do país.

Monteiro Lobato e Arthur Neiva tiveram seu primeiro contato entre 1906 e 1909, durante as campanhas de Oswaldo Cruz pelo interior do país. Lobato participava da Comissão de Xerém, era um dos “sapos”¹⁰ do jornal *O Estado de S. Paulo* e estava cobrindo os feitos da campanha. Neiva era um dos discípulos de Oswaldo Cruz, reconhecido pelo seu trabalho contra o impaludismo na Estrada de Ferro do Nordeste. Em 1916, Neiva foi chamado para chefiar o Serviço Sanitário de São Paulo¹¹, selando a amizade com Lobato no engajamento na campanha da Liga Pró-

¹⁰ “Sapos” era a denominação do grupo de intelectuais que colaborava com artigos na redação de Júlio de Mesquita. Esse grupo era composto por Filinto Lopes, Arnaldo Viera de Carvalho, Oscar Freire, Leo Vaz Manuel Lopes (Maneco), Gelasio Pimenta, sendo o editor chefe Nestor Pestana seguido por Plínio Barreto e Pinheiro Junior (Sacchetta, 1997, p.104).

¹¹ Monteiro Lobato, em seu artigo “Arthur Neiva”, integrante da coletânea “Mr. Slang no Brasil” refere-se à importância de Arthur Neiva no Serviço Sanitário do Estado de São Paulo ao dotá-lo de um código Sanitário Rural: “Bastaria Butantã para notabilizar a passagem de Artur Neiva por São Paulo. Ele foi muito além entretanto. (...) Artur Neiva completou sua obra dotando São Paulo dum Código Sanitário Rural que é novidade não só para o Brasil como para toda a América do Sul. Visa estender à população do campo, largada até aqui na maior miséria física e moral, os benefícios que a higiene já deu às cidades, estabelecendo medidas profiláticas contra as endemias, contra a invasão dos indesejáveis e contra a má habitação que as fazendas proporcionam aos trabalhadores. Novidade absoluta, foi o código no começo recebido com desagrado e até revolta. Hoje, melhor compreendido, está aceito e vai sendo aplicado em escala cada vez maior. Muitas fazendas já se remodelaram e instigam as outras a fazer o mesmo. Uma palavra resume a ação de Artur Neiva em São Paulo: sementeira. E a seara virá, farta e consoladora” (Lobato, 1951a, p.174-175).

-Saneamento do Brasil em 1918. Anterior a esse movimento, e sua precursora, foi a Liga de Defesa Nacional, fundada em 1916 no Rio de Janeiro por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon, sob a presidência de Ruy Barbosa. A divulgação dos ideais da Liga Pró-Saneamento era feita nos moldes da campanha da Liga de Defesa Nacional por meio de livros, panfletos, discursos e viagens por todo o país.

Seguindo o modelo de divulgação de ideias da Liga, Lobato compra, em maio de 1918, a *Revista do Brasil* de Júlio de Mesquita. Inicia sua carreira de editor de livros com o sucesso comercial de *Urupês* (Koshiyama, 1982, p.59), aproveitando a rede de distribuição do jornal *O Estado de S. Paulo*, ao vender 4000 exemplares do livro como anexo ao jornal. Com o capital conseguido por *Urupês*, em 1920, Lobato monta uma editora com Octalles Marcondes Ferreira, denominada Companhia Editorial Monteiro Lobato.

O sucesso da campanha da Liga Pró-Saneamento e da *Revista do Brasil*¹² fez com que Lobato vislumbresse um novo empreendimento: o livro. Além do lucro, o sucesso de seu livro de contos “*Urupês*” significou uma abertura para o desenvolvimento de público leitor moderno, ou seja, livre dos vícios do bacharelismo, herança portuguesa, e com uma linguagem genuinamente “brasileira”, crítica que Monteiro Lobato fará aos protagonistas da Semana de Arte Moderna de 1922¹³. Talvez seja nesse ponto que se inicia a divergência entre Rio de Janeiro e São Paulo que aparece muito na correspondência, na medida em que os dois veem o Rio como detentor da cultura tradicional das cortes e São Paulo como motor do progresso do país.

¹² A *Revista do Brasil*, fundada por Júlio de Mesquita, Luís Pereira Barreto e Alfredo Pujol, em 1916 tinha o objetivo de divulgar o nacionalismo através de um plano de desenvolvimento para o país. Lobato, ao tornar-se seu editor, converte-a numa revista mais eclética com assuntos que vão desde artes e educação até saúde pública e ciência, com um caráter conscientizador das elites para os problemas do país. A função educativa da obra dos dois aparece de forma bem clara nas edições da *Revista do Brasil* de 1918 e 1919. Em 1918, famosos sanitaristas como Afrânio Peixoto, Roquete Pinto e Belisário Penna participavam do quadro de articulistas da revista, que teve também artigos de Francisco Iglesias, comentando o livro de Viagem de Neiva e Penna durante todo o ano de 1919. Neiva chegou a ter uma coluna, “notas científicas”, durante o período de 1922 e 23, logo após se afastar da diretoria do Serviço Sanitário de São Paulo. Lobato vende a *Revista do Brasil* em 1927.

¹³ Hochman e Lima (2000) abordam a questão da divergência existente entre os modernistas paulistas e Monteiro Lobato: “As relações entre eles (modernistas) e Monteiro Lobato foram, como se sabe, bastante tensas e, por vezes, inamistosas, e marcadas originalmente pela crítica à exposição de Anita Malfatti, em 1917 e à Semana de Arte Moderna de 1922. (...) O anti-modernismo de Lobato foi, por exemplo, duramente criticado por Sérgio Milliet. Já Oswald de Andrade, em artigo publicado na década de 1940, lastimava que o escritor, em virtude de suas atitudes, não fosse reconhecido como uma das expressões do Modernismo. Ao falar desse movimento, por seu turno, Lobato abrigava-se na identidade de Jeca Tatu, um intelectual Jeca, crítico diante do que apontava como “macaquices” dos modernistas” (p. 323).

Enquanto isso, Neiva viaja em missão financiada pela Fundação Rockefeller¹⁴ para o Japão, Noruega, Havaí, Filipinas e Estados Unidos para estudos e análise dos modelos de saneamento empregados nesses locais. Neiva aplica-os na Inspetoria de Profilaxia da Lepra.

Nesse período, as cartas de Lobato comentam os problemas no Serviço Sanitário de São Paulo, principalmente no Instituto Butantan, com críticas ao trabalho de Rudolph Kraus, cientista que Neiva trouxe da Argentina quando trabalhou no Instituto de Buenos Aires na organização da seção de Zoologia Médica e Patologia. Além disso, Lobato comenta com sarcasmo a tentativa de “golpe” no governo de São Paulo contra Washington Luís (Carone, 1972-74) e o investimento de São Paulo em monumentos para comemorar o Centenário da Independência (Lobato, 1951b, p.181).

Em 1921, Neiva regressa de viagem, enquanto Lobato usufrui o sucesso da editora (Koshiyama, 1982) com o lançamento de “A Menina do Narizinho Arrebitado”, com tiragem de 50 mil exemplares, e adotado pelo governo do estado de São Paulo na rede escolar, além da publicação de “Urupês” na Argentina com tradução de Benjamin de Garay¹⁵. Na correspondência, Lobato cita os lucros da Editora e lamenta que Neiva não tenha se interessado em entrar como sócio como lhe oferecera:

“Terminei já o período de experiência editorial e convenci-me que o negócio é absolutamente seguro – e de um futuro grandioso. Basta lhe dizer que nestes primeiros quatro meses, com os simples recursos da casa (oriundos, como sabe, de um livro) produzimos 215:000\$000 de mercadorias brutas”¹⁶.

¹⁴ De acordo com Faria (2002), Costa e Schwarcz (2000) e Kobayashi (2009) a Fundação Rockefeller foi criada em maio de 1913 nos Estados Unidos, com o objetivo de promover, neste e em outros países, o estímulo à saúde pública, ao ensino, à pesquisa biomédica e às ciências naturais, centralizando as ações filantrópicas praticadas pela família Rockefeller desde o final do século XIX. Em 1915, chegava ao país a primeira comissão da Fundação Rockefeller designada para avaliar as condições gerais de saúde pública e ensino médico na América Latina. O Brasil, na visão do diretor da Junta Internacional de Saúde da Rockefeller, Wickliffe Rose, era um país estratégico e de importância fundamental na América do Sul, dadas suas proporções geográficas e a oportunidade que este oferecia de abrir fronteiras com os países vizinhos, além das conquistas brasileiras em medicina preventiva e o consentimento do governo brasileiro às atividades da missão. Outras comissões da Rockefeller chegariam à região em 1916, com objetivos mais específicos e visavam identificar centros de ensino médico dispostos a implantar disciplinas de higiene e saúde, para capacitar profissionais atuantes em prevenção e campanhas de saúde pública. “Se nos Estados Unidos e na Alemanha, a Rockefeller investiu diretamente em pesquisas e instituições ligadas à eugenia, aqui no Brasil se viu envolvida na trama de um movimento sanitário que já se alinhava no país, tendo à frente sanitaristas de projeção política como Carlos Chagas e Belisário Penna, articulados ao aparelhamento do Estado e, especificamente, à criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), em 1920.” (Kobayashi, 2009, p.316).

¹⁵ Benjamin de Garay: Tradutor e editor argentino da obra de Monteiro Lobato em espanhol. Também traduziu e editou para o mercado argentino Os Sertões de Euclides da Cunha e a obra Lima Barreto.

¹⁶ Carta de Monteiro Lobato para Neiva de 27 de abril de 1921. CPDOC/ FGV.

Comenta também, os acontecimentos envolvendo o episódio das cartas falsas publicadas pela imprensa carioca com insultos aos militares de suposta autoria de Arthur Bernardes com o objetivo de atrapalhar sua reeleição.

Outro assunto abordado nesse período são as críticas ao trabalho de Neiva no Serviço Sanitário de São Paulo, proferidas pela Sociedade de Medicina de São Paulo, que questiona os investimentos do governo nas campanhas sanitárias fora do estado, além de apresentar o caso de ampolas contaminadas e distribuídas pelo Instituto Butantan. O caso foi alvo de críticas em artigo do médico carioca Antonio Leão Velloso¹⁷, no qual denomina as ampolas de “*finíssimo fubá de milho amarelo*”¹⁸. As ampolas foram produzidas em 1920, como relata o relatório anual do Instituto, que atribui o problema ao mau manuseio dos médicos¹⁹.

O caso das ampolas não foi um problema isolado enfrentado por Neiva. Ocorre nesse período a chamada mercantilização da ciência na área da saúde, iniciada pela demanda criada pela própria expansão dos serviços públicos sanitários e reformulação dos processos de produção de soroterápicos e vacinas dentro dos Institutos Públicos de Saúde, ironicamente iniciados por discípulos de Oswaldo Cruz²⁰. Além disso, houve uma série de conflitos gerados pelas disputas por cargos como ocorre entre Carlos Chagas e Arthur Neiva pelo posto de diretor no recém-criado Departamento Nacional de Saúde em 1918. As possibilidades de Neiva foram abaladas com a morte de Rodrigues Alves que o nomeara para os cargos em São Paulo e com a nomeação de Carlos Chagas para o cargo em 1919, a amizade entre os dois se rompe (Benchimol e Teixeira, 1993, p.148-151).

Na correspondência, Lobato revela as dificuldades financeiras e de deslocamento enfrentadas pelo amigo como cientista em Manguinhos, apesar de ainda ocupar o cargo de Diretor do Serviço Sanitário de São Paulo. Nesse período se manifesta a existência de inúmeros laboratórios privados no Rio de Janeiro e em São Paulo chefiados por renomados cientistas do Instituto Manguinhos e do Instituto Butantan. Maria Alice Rosa Ribeiro relata que o Instituto Pinheiros foi:

¹⁷ Antonio Leão Velloso: Médico carioca e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

¹⁸ Carta de Monteiro Lobato para Arthur Neiva de 15 de julho de 1921. CPDOC/ FGV

¹⁹ Relatório Anual do Instituto Butantan de 1921.

²⁰ Benchimol e Teixeira (1993) ao tratarem do tema da Mercantilização da Saúde, lembram que: “Rocha Lima, Arthur Moses, Henrique Aragão e Parreiras Horta aparecem, em 1922, como os proprietários do Instituto Brasileiro de Microbiologia, anunciando pelas páginas da revista *Medicamenta* a venda de diversos ‘soros e vacinas para uso preventivo e curativo em medicina humana e animal’. O Instituto e Laboratório Ehrlich, dirigido pelos doutores Anísio de Sá, Antonio Peryassu, professor Luiz Oswaldo de Carvalho e farmacêutico Araujo Vianna oferecia, além de soros e vacinas, diversos quimioterápicos e opoterápicos.” (p.177).

uma empresa privada de capital nacional criada por médicos treinados por cientistas ligados ao Instituto Butantã em 1928. No decorrer do seu funcionamento, a empresa estabeleceu intercâmbios e contatos com cientistas ligados às instituições públicas de pesquisa científica, tais como o Instituto Biológico e o próprio Instituto Butantã. Dedicando-se à produção de medicamentos biológicos, o Pinheiros adquiriu projeção nacional, transformando-se na maior empresa produtora de antitoxinas e vacinas, responsável por 80% do abastecimento do mercado nacional, competindo com Manguinhos e com o próprio Instituto Butantã (Ribeiro, 2000).

Vital Brazil também sai do Instituto Butantan e cria, em Niterói (RJ), seu próprio instituto privado, o Instituto Vital Brazil, em 1919:

Chamava-se Instituto de Higiene, Soroterapia e Veterinária e funcionava provisoriamente na Rua Gavião Peixoto, 360, Icaraí. Anos mais tarde o Instituto Vital Brazil se tornaria uma importante empresa privada de pesquisa e produção, fabricando produtos veterinários, biológicos (soros e vacinas) e farmacêuticos. Transferido mais tarde para os terrenos de Olaria, instalou-se definitivamente o Instituto Vital Brazil. O cientista Vital Brazil também foi fundador do Instituto Butantan, em São Paulo. Durante os primeiros anos de vida da instituição fluminense, o cientista se dividiu entre a direção do Instituto Vital Brazil e do Instituto Butantan. Em 1927, ele passou a dedicar-se integralmente ao Instituto Vital Brazil, onde fundou duas importantes revistas de divulgação científica: Boletim do Instituto Vital Brazil e Biologia Médica (Instituto Vital Brazil, 2013).

Lobato fala da prosperidade de seu grande amigo Cândido Fontoura para tentar incutir o empreendedorismo em Neiva, levando-o para o mesmo caminho, sugerindo que este pense na montagem de um laboratório: “Em Manguinhos só lhe esperam trabalho sem recompensa, aborrecimentos e nenhum futuro. Visto trabalhar por conta própria aqui em São Paulo, por exemplo, que clientela enorme não teria.” (carta de Lobato para Neiva, 24/04/1922).

Ao que Arthur Neiva responde:

Sensibilizou-me o interesse que por mim tomou. Quantas vezes tenho pensado em análogas soluções que seriam a alforria bem sei. Tal liberdade se faria no entanto a custo do ideal que me trouxe um dia a Manguinhos (...). Aos 42 anos tive uma carreira feliz; corri o planeta, vivi um ano nos Estados Unidos, ano e meio na Argentina. O meu nome é tido em algum conceito, tenho magnífico humor, o meu grande aliado, e se fiz inimigos fanáticos, suscitei em compensação amigos dedicados. Hoje li no “Estado” a criação de um novo Instituto Científico particular no Rio, com o Rocha Lima à frente e auxiliado por mais três discípulos do Oswaldo. Já todos são ricos e que-

rem no entanto aumentar os haveres. Voluntariamente puseram ponto final na carreira científica; comercializaram-se e não progredirão mais. Amanhã serão medalhões e figurões e somente saberão fazer o cotidiano. Eu agora estou trabalhando intensamente e preparo várias coisas. Ocorreu-me uma conclusão, cômica, aliás. O cientista deve ser como pássaro de gaiola – canta mais quando o comedor está vazio. A bacharelise, o grande mal nacional, não permite, senão de quando em quando, que a ciência entre nós se desenvolva, exulte-se e se nacionalize (...). Quero acabar meus dias como trabalhador de Manguinhos(...) Se me vir fora desta rota, é que mudei, e então se compadeça de mim, pois estarei sofrendo por não ter tido a coragem nem a alma bastante temperada para resistir até o final das minhas forças em prol do ideal que em dia de inspiração eu abracei. (...) (Carta de Neiva para Lobato – 08/05/1922.

Em 1922, Lobato tem mais um livro aprovado pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo – *Fábulas* (edição aumentada das *Fábulas de Narizinho*). O sucesso de sua editora desperta o interesse de novos sócios como Martinho Prado Uchôa, José Carlos de Macedo Soares, Paulo Prado, Alberto Seabra, Alfredo Machado, Heitor de Moraes e José Antonio Nogueira. Além disso, aceita concorrer, sem sucesso, a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras na vaga de Pedro Lessa, jurista e seu professor na Faculdade de Direito. Em setembro de 1922, Lobato publica *Populações Meridionais do Brasil* de Oliveira Vianna²¹, livro que analisa o Brasil por meio das oligarquias regionais e sua relação com o poder central.

Em 1923, Neiva assume o posto de Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, porém continua trabalhando em Manguinhos e consegue uma renda extra publicando artigos na *Revista do Brasil* e jornais cariocas com *Correio da Manhã* e *O Paiz*. Além disso, e com ajuda do amigo Lobato, escreve livros didáticos de

²¹ Primeiro livro de Oliveira Viana, escrito entre 1916 e 1918. Para Gildo Marçal Brandão, a estreia intelectual de Viana o coloca na linha de frente dos críticos da experiência republicana, da imitação da Europa e do ranço lusitano, pensamento afinado com o de Monteiro Lobato e Arthur Neiva. Brandão diz que: “Criticando os liberais por sua cegueira diante da realidade e pela tentação de transplantar as instituições de além-mar, Oliveira Vianna sugere que, nessa sociedade de oligarquias “brincas”, a democracia política constitui a grande ilusão. Seu aparato institucional pesado, lento, ineficiente e corrupto não dá conta dos dinamismos e desafios do mundo moderno, sua subserviência ao sufrágio universal e aos partidos – que não passam de quadrilhas irmanadas contra o bem comum –, apenas entrega o Estado de pés e mãos atados aos interesses privatistas e aos coronéis, sua crença no poder local promove as corriolas e sumidades de aldeia. Seria importante, em consequência, retomar a obra centralizadora dos “reacionários audazes” do Império. Tratar-se-á de educar as elites, evitar a luta de classes, dar prioridade à construção da ordem sobre a liberdade, dar independência ao Judiciário, limitar as autonomias estaduais, organizar a população por meio de corporações, e construir uma sociedade civil (civilizada) por meio da ação racional de um novo Estado centralizado. E só depois – se é que haveria um depois! – admitir a democracia política. Paradoxalmente, vale aqui a boa ordem europeia: só depois de garantida a liberdade civil é que deveríamos nos lançar à construção da política” (Brandão, 2007, p. 247).

ciência para a editora e amplia a linha de fornecimento de livros para o estado de São Paulo para se recuperar da crise econômica de 1923 e da greve geral que atingiu São Paulo (Koshiyama, 1982, p.77-80). Neiva noticia a publicação de uma revista científica denominada *Sciencia Medica* e lamenta a falta de leitores no Rio²².

Em 1924, ocorre o levante tenentista em São Paulo, em resposta ao julgamento dos envolvidos no movimento tenentista de 1922. Sob o comando do general Isidoro Dias Lopes, os tenentes tomam São Paulo. O governador Carlos de Campos abandona a cidade. **A revolução** desorganiza a vida econômica paulistana e paralisa as atividades da editora de Lobato por dois meses. Após a retirada dos rebeldes a 27 de julho, o governo de Artur Bernardes inicia uma série de ações repressivas, entre as quais a prisão de José Carlos de Macedo Soares²³, presidente da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, em 4 de agosto, acusado de ligações com os tenentes. No dia do aniversário de Bernardes, Lobato envia carta ao presidente da República, onde faz um balanço dos acontecimentos e discute o sistema eleitoral vigente. Com o título “O voto secreto”, o texto transforma-se num panfleto, largamente distribuído. Artur Bernardes reage e manda suspender todas as encomendas de livros escolares que a Cia Gráfico-Editora imprimia e distribuía. A saúde financeira da editora de Monteiro Lobato fica abalada pelas dívidas contraídas com a importação de maquinário e a empresa sofre os efeitos da seca que castigava São Paulo, que reduziu drasticamente o fornecimento de energia elétrica no estado. Uma súbita mudança na política econômica do governo Bernardes desvaloriza a moeda e suspende o redesconto de títulos pelo Banco do Brasil. A editora de Lobato entra em crise terminal.

O envolvimento dos dois nas questões ligadas à Saúde Pública e em um projeto editorial inicia uma série de posicionamentos frente à realidade brasileira que se estendem para além dessas questões, envolvendo também questões econômicas e políticas. As ligações desses personagens com intelectuais da época mostram uma guinada nas propostas para a criação de um novo Brasil e um certo rompimento com as concepções de parte da elite paulista.

²² Cartas de 8 e 20 de Novembro de 1923. CPDOC/FGV.

²³ José Carlos de Macedo Soares (1883-1968). Advogado, deu apoio à candidatura presidencial de Getúlio Vargas (1930), lançada pela Aliança Liberal. Elegeu-se deputado federal constituinte por São Paulo (1933). Conseguiu que um interventor civil e paulista (Armando de Sales Oliveira) fosse nomeado para São Paulo em 1933. Filiou-se ao Partido Constitucionalista e foi nomeado por Vargas para o Ministério das Relações Exteriores (1934-1937). Em maio de 1937, assumiu a pasta da Justiça e decretou a libertação de mais de 400 presos políticos, acusados de envolvimento com o levante esquerdista de 1935. Esse episódio, conhecido como a “macedada”, foi acompanhado pela suspensão do estado de guerra, sucessivamente prorrogado pelo governo federal desde março do ano anterior. Mas em outubro de 1937, o estado de guerra voltaria a vigorar, com o apoio de Macedo, após a divulgação pelo governo do Plano Cohen. Macedo Soares demitiu-se do ministério dias antes do golpe ser desfechado, sendo substituído por Francisco Campos, o principal ideólogo do novo regime.

No mesmo período, é fundado o Instituto do Café em São Paulo e Arthur Neiva assume a chefia da Comissão de Estudo da Praga Cafeeira. Com os tumultos de São Paulo nesse período a correspondência se limita a descrever o sucesso da empresa de Lobato que se recupera da crise e a troca de artigos para a “Revista do Brasil” com a coordenação de Paulo Prado²⁴. Entre 1925 e 1926 não há correspondência entre Lobato e Neiva no acervo do CPDOC/FGV.

1927-1932-América um modelo para o Brasil.

Durante sua estadia nos Estados Unidos, Monteiro Lobato, partindo da teoria de que o sucesso dos Estados Unidos era fruto de sua independência econômica em relação à Europa e o alto grau tecnológico adquirido pela sua indústria, elabora um plano de desenvolvimentismo econômico aos moldes do Fordismo e do Georgismo, com investimentos na indústria de base como a metalúrgica e a petrolífera. Lobato tentava formar no Brasil uma elite capitalista empreendedora, como a americana, num contraponto com a economia agrária ainda predominante no país. Neiva, neste período, adere a estas ideias tornando-se um dos sócios de Lobato em alguns empreendimentos, e também seu braço político no congresso quando deputado federal e membro do Comitê de Desenvolvimento Agrícola e Tecnológico.

Nomeado adido comercial nos Estados Unidos pelo presidente Washington Luís, Lobato embarca no navio *American Legion* com destino a Nova Iorque, onde assumiu o cargo, em 1927. Como membro da comissão comercial faz uma viagem por todo o país e lá conhece o empresário Fortunato Bulcão. Em carta, Lobato relata sua viagem às estradas americanas, à Ford Motors onde conhece o *Mr. Smith*²⁵ e Afrânio do Amaral²⁶, a quem Neiva preparava para chefiar futuramente o Instituto Butantan. Em Detroit, conhece o forno siderúrgico do *Mr. Smith* e a fabricação do ferro esponja que utiliza um terço do coque necessário para se forjar o aço tradicional, e se empolga com a possibilidade de Martinho Prado Uchôa se interessar em trazer essa tecnologia ao Brasil. Há uma cópia da carta de *Mr. Smith* para Lobato, que este envia a Neiva, datada de 24 de dezembro do mesmo ano, revelando o interesse do metalúrgico em

²⁴ Paulo da Silva Prado: filho de uma abastada família de cafeicultores, foi mecenas e participou da Semana de Arte Moderna de 1922. Escreveu, em 1918, Retrato do Brasil – ensaio sobre a tristeza brasileira, livro que influenciou Gilberto Freyre e Oliveira Viana. Foi editor da Revista do Brasil entre 1924 e 1926, e um dos sócios de Lobato no Sindicato Nacional e Cia de Ferro Puro.

²⁵ Willian C. Smith. Não há informações sobre ele além das reveladas por Lobato: trabalhou no centro de siderurgia da Ford Motors, lecionava e pesquisava na Universidade de Detroit, era dono de uma empresa de consultoria para empresas siderúrgicas.

²⁶ “Ao assumir a direção do Instituto em 1928, Afrânio do Amaral, acumulava em seu currículo uma série de experiências adquiridas no exterior entre o período em que respondeu interinamente pelo Instituto em 1920, e seu retorno à direção”. (Ibañez et al, 2006, p.88)

levar sua tecnologia ao Brasil²⁷. Em 26 de dezembro de 1927, Neiva assume um posto no Instituto Biológico de São Paulo.

Nesse período há uma reviravolta na política paulista. A criação do PD²⁸ (Partido Democrático) divide o PRP, Partido Republicano Paulista em 1926, um reflexo da crise do café. Esse grupo se desvincula da elite econômica e se associa ao Movimento Tenentista que chega ao poder em 1930. Ambos enxergam no tenentismo a possibilidade de introduzir seus projetos pessoais de desenvolvimento em nível nacional via governo federal.

Por solicitação do Itamaraty em 1928, Lobato envia um minucioso balanço sobre o comércio Brasil-Estados Unidos. Dentre os informes, relatórios e sugestões que fez ao longo do ano, destaca-se seu interesse por combustíveis alternativos, em particular o coco de babaçu que substituiria o carvão hulha na obtenção de gusa no Processo Smith. Neiva assume o cargo de Diretor Superintendente do Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal e faz campanha para o plano de desenvolvimento de Lobato, nos mesmos moldes da campanha da Liga Pró-Saneamento do Brasil, com artigos em jornais. O plano recebe muitas críticas, principalmente da imprensa carioca. Lobato, em resposta à repercussão negativa da imprensa ao processo de Smith, justifica a reação como “falta de patriotismo” daqueles que não querem ver a América como exemplo de desenvolvimento para o país.

Essa briga na imprensa dura até o primeiro semestre de 1929, revelando os interesses conflitantes entre a Companhia Siderúrgica Nacional e a *Itabira Iron* - fundada em 1924 por Percival Farquhar – e de um lado e o interesse da gigante siderúrgica alemã Krupp²⁹ de outro. Percival Farquhar possuía empresas que

²⁷ “Dear Dr. Lobato: I have yours of December 22nd and would be very pleased to assist the son of the proprietor of your Brazilian iron mills in the study of my process of iron ore reduction”. (carta de William Smith para Lobato, 24/12/1927) CPDOC/FGV.

²⁸ O Partido Democrático foi fundado em 1926, reunindo elementos descontentes com o longo domínio do Partido Republicano Paulista (PRP) nos governos do estado de São Paulo e da República. Seu primeiro presidente foi o conselheiro Antônio Prado, antigo político do Império, agricultor, banqueiro e industrial. Entre seus principais líderes estavam Francisco Morato, Paulo Nogueira Filho e Marrey Júnior, predominando fazendeiros e profissionais liberais. O PD mostrava-se entusiasmado pelos feitos da Coluna Prestes (1925-1927) e não manifestava maiores expectativas com relação às disputas eleitorais. Nas eleições presidenciais de 1930, o PD apoiou a formação da chapa da Aliança Liberal encabeçada por Getúlio Vargas. Após a derrota de Vargas uma ala do PD liderada por Francisco Morato conspira a favor da Revolução de 30. Após vários desentendimentos com o PD e os interventores de São Paulo em 1932 o partido rompe com Vargas e cria junto ao PRP a Frente Única Paulista (FUP). Suas principais reivindicações eram: o retorno do país ao regime constitucional e a recuperação da autonomia estadual pelos paulistas. Em 1933, com a nomeação para a interventoria de Armando de Sales Oliveira, nome vinculado ao PD mas com bom trânsito entre as forças políticas do estado, contribuiu para distensão política entre os paulistas e o governo federal. Em 1934, por iniciativa de Armando Sales, foi criado o Partido Constitucionalista. O PD decidiu incorporar-se à nova agremiação e foi extinto em fevereiro daquele ano, após exatos oito anos desde sua fundação. (CPDOC, 2013).

²⁹ Carta de Monteiro Lobato para Arthur Neiva do dia 10 de abril de 1928. CPDOC/FGV.

controlavam a exploração das minas na Polônia, de onde importaria carvão para implantar a siderurgia tradicional no Brasil, o que é criticado por Lobato:

(...) a concessão Farquhar é o que há de idiota. Não vem solucionar coisa nenhuma. Simples negociata das típicas. Nunca, em tempo algum, país nenhum criou metalurgia própria recebendo de fora um dos materiais necessários à produção de ferro pelo sistema corrente do alto forno. Nunca, e o Brasil, que há 200 anos vem tentando isso, viu falharem todas as tentativas. Ora, a empresa Farquhar vai reincidir no mesmo erro. Propõe-se a fazer ferro recebendo de fora carvão, nasce pois envenenada com o erro que matou todas as outras, dentro de alguns anos vermos, ao lado dos escombros da tentativa Farquhar, apesar dos 70 milhões apregoados, uma árvore maravilhosa – a que Bulcão vai plantar. Uma é a ideia justa e certa de Henry Ford (não se criam grandes indústrias à força de dinheiro e sim com ideias justas e certas); outra é um erro de 200 anos de idade que reincide apenas mudado de escala. Quem viver verá³⁰.

Lobato consegue montar uma equipe de sócios para viabilizar as negociações entre o Estado e a Cia siderúrgica revelando aos representantes de confiança os segredos da empreitada com William Smith, são eles: Sampaio Correia, Victor Konder, ambos também envolvidos no Movimento Tenentista do Rio de Janeiro; Edmundo Navarro e Macedo Soares (ex-presidente da Associação Comercial de São Paulo e um dos envolvidos no movimento Tenentista de 1924) e Paulo Prado, escritor e ex-editor da Revista do Brasil em São Paulo (Nunes, 1985, p.26).

Em 31 de maio de 1929, Neiva é nomeado como Secretário de Estado dos Negócios do Interior de São Paulo e continua à frente do Instituto Biológico com grande atividade científica. Na correspondência, a discussão gira em torno da produção agrária exportadora brasileira com temas que abortam desde críticas aos excessos da produção de café, passando pela previsão de uma crise do produto e da indústria da Borracha que perde mercado para a Ásia por falta de ciência na produção, chegando à observações sobre a inexistência de mercado para a banana, controlado pelos norte-americanos no Caribe. Neiva se preocupa com os rumos do país:

Quando estive nos Estados Unidos tinha de 30 para 31 anos e profetizei, convencidamente, que em mais 30 anos o Brasil seria um portento que deveria impressionar o mundo, como fizeram os Estados Unidos entre o fim do século 19 e o princípio do século 20. São passados 20 anos, faltam 10 para terminar minha profecia e neste espaço de tempo a Argentina nos passou, tomou-nos a dianteira e ninguém sabe para onde vamos. O pior,

³⁰ Carta de Lobato para Neiva (5/12/1928). CPDOC/FGV.

porém, é que a mentalidade do norte aos poucos vai empolgando todo o Brasil, que vive em crescente e crônica euforia, supondo que vamos da melhor maneira e que o mundo inteiro fica impressionado com o nosso incomparável progresso. Em tudo há uma compensação e eu para desforrar-me do meu erro de profeta sou obrigado, aos 50 anos, a voltar à minha situação mental de adolescente, a sonhar com uma grande pátria, poderosa, rica e magnífica. Nos meus devaneios, consequência talvez do bahianismo, procuro adivinhar a grande pátria da qual devia ser eu contemporâneo, segundo meu vaticínio, para os dias dos meus netos e assim, envolto pela fantasia, vou me enchendo de falazes esperanças, deixando-me opiar, a fim de que o sonho seja cada vez melhor e possa fugir da dura e penosa realidade. (Carta de Neiva para Lobato, em 30/07/1929. CPDOC/ FGV).

Nesse período, Lobato propõe a Neiva que exporte as laranjas que produz em sociedade com Edmundo Navarro para os Estados Unidos. Neiva revela a impossibilidade de exporta-las devido à praga da mosca do mediterrâneo que atacava os laranjais. No entanto, Neiva acreditava que a laranja poderia se tornar o produto de exportação que sucederia o café na economia brasileira:

A minha plantação de laranjas com o Navarro vai muito bem e se a grande maioria compreendesse como de fato se deveria fazer para plantar convenientemente laranjas, o Brasil poderia encontrar valioso sucedâneo para o café que, imagino, terá sua grande crise no máximo até 1932. Este ano a produção de São Paulo é de 15 a 17.000.000 de sacas e todos esperavam uma salvadora geada que não veio. Para o ano a safra será igual ou maior, pois os cafezais da Noroeste começarão a produzir e dentro de mais alguns anos 400 milhões de cafeeiros novos, na zona da Noroeste e no norte do Paraná, com 300 e até 400 arrobas por mil pés, começarão a produzir de verdade e então a safra de São Paulo poderá elevar-se facilmente a 25 milhões de sacas anuais. Quem irá beber tanto café, Dr. Lobato?³¹

Em outubro de 1929, vítima do *crash* da bolsa de valores, onde investira todos os seus recursos, Lobato é obrigado a se desfazer de suas ações da Companhia Editora Nacional. Os dias mais tumultuados do pregão são narrados num capítulo de “América - os Estados Unidos”, em 1929, escrito logo ao voltar. Retomando os diálogos com Mr. Slang, nesse livro Lobato passeia pelos Estados Unidos discutindo a realidade a sua volta, sempre fazendo contrapontos com o Brasil. Em 21 de dezembro de 1929, Neiva descreve o impacto do *crash* no café

³² Surpreendido com a velocidade na qual os Estados Unidos se recuperam da

³¹ Carta de Neiva para Lobato, em 30/07/1929. CPDOC/ FGV.

³² Carta de 21 de dezembro de 1929. Arthur Neiva para Monteiro Lobato. CPDOC/ FGV.

crise, em 1930, Lobato enumera os problemas do Brasil, principalmente o seu regime fiscal e o mau aproveitamento de recursos naturais, citando o Babaçu. Usa a metáfora da cabra que pasta todos os brotos para ilustrar a “perversidade do regime” que toma todas as riquezas, mal do lusitanismo:

Neste país (EUA) não há nenhum imposto anti-econômico – não há cabras soltas entre brotos e por isso tudo brota e vira árvore frondosa. Fundamos, alguns brasileiros daqui, o ano passado, um ‘coffee house’ e tive aso de ver como as coisas funcionam. Nenhum imposto antecipado; liberdade absoluta de agir à vontade, respeitadas as leis de higiene. Só temos um imposto a pagar – o de renda, o imposto sobre os lucros, no fim do ano, se os houver. Converse com alguém que tenha montado aí coisa similar e abra a boca diante da multiplicidade de taxas aporrinhantes, extorsivas e antecipadas – pagáveis, haja ou não lucros”³³.

Com a revolução, em outubro de 1930, Lobato perde seu cargo de adido comercial por apoiar a eleição de Júlio Prestes. Já Arthur Neiva é nomeado interventor da Bahia, em 1931, o que revela seu envolvimento com os políticos da revolução, mas, por não ser militar, fica no cargo por apenas três meses. Monteiro Lobato, voltando ao Brasil em março de 1931, começa a busca por jazidas de ferro e sua campanha pelo petróleo.

Lobato envia uma carta para Getúlio Vargas relatando as conclusões a que chegou com sua experiência americana³⁴. Supunha que os grandes problemas nacionais – ferro, combustível e trigo – seriam os responsáveis pela fraqueza da economia brasileira, mas que o país tinha tudo para superá-los, bastando para isso vontade política. Lobato acreditava numa mudança nos rumos da economia – de agroexportadora para desenvolvimentista industrial, com forte investimento na introdução da indústria de base. Demonstra uma visão moderna para a economia da nação, na medida em que os projetos propostos visavam uma integração territorial e alvejavam a autossuficiência nos moldes do que ocorreu nos Estados Unidos.

1932-1942 – Intelectuais e empreendedores: homens modernos.

Apesar do Brasil possuir jazidas de ferro, a introdução da siderurgia no país possuía um grande empecilho - a falta de carvão mineral para os fornos - impossibilitando a fabricação do aço, produto que o país importava da Europa. No período da Primeira Guerra Mundial, a escassez de aço gerou uma série de problemas que iam deste a falta de trilhos para os trens que transportavam o

³³ Carta de 8 de Janeiro de 1930. Monteiro Lobato, de Nova York, para Arthur Neiva. CPDOC/FGV.

³⁴ Publicada neste volume dos Cadernos de História da Ciência, seção Fontes e Documentos.

café do interior aos portos, até a falta de peças para seu maquinário. Lobato, nos Estados Unidos, encontra uma solução para o problema com o novo processo de Mr. Smith, anteriormente citado.

Em 1932, Neiva e Lobato apoiam a Revolução Constitucionalista, mas com motivações diferentes. Em carta-manifesto dirigida a Waldemar Ferreira, secretário da Justiça e Segurança Pública do Governo Constitucionalista Revolucionário de São Paulo, Lobato faz críticas ao “militarismo federal” e considera a insurreição uma “guerra de independência”. Declara que: “São Paulo, depois da vitória, deverá expressar-se na fórmula Hegemonia ou Separação”, título que deu à sua carta-manifesto. Já Neiva, como revela carta de 14 de agosto de 1934, apoia a revolução porque não a considera separatista. Coloca-se, junto com o Instituto Biológico, do qual era diretor, às ordens de São Paulo, entregando um ofício com essa informação ao Dr. Francisco Junqueira, secretário da Agricultura. No entanto, foi traído por Rocha Lima que o entregou às autoridades federais

no dia seguinte (à entrega do ofício), o Rocha Lima, às 8 horas da manhã, tinha ido, isoladamente, ao Quartel General, levando uma série de produtos do Instituto e que poderiam ser utilizados na campanha, e pondo-se às ordens do mesmo quartel. Senti imediatamente o que isso representava. Logo no dia seguinte, ao regressar do almoço, encontrei uma carta sobre a minha secretária, dentro do Instituto, colocada por quem certamente conhecia meus passos ali e o horário da minha entrada e saída: alguém do Biológico. Mostrei-a ao Adalberto [Queiroz Telles] e ao Plínio Piza, e nesta carta vi a gênese de tudo quanto depois ocorreu, inclusive a substituição do diretor do Biológico. (...) As ameaças cresciam. O Rocha Lima tornara-se invisível e senti nele o inimigo poderoso, sinuoso, capaz de tudo. O Adalberto, por fim, decidiu da minha saída de São Paulo e me disse: a ninguém diga para onde vai, porque senão o Rocha Lima o denunciará; não se iluda”. (carta de Neiva para Lobato, Rio de Janeiro, 14/08/1934).

Em 28 de Outubro de 1932, Getúlio Vargas nomeia Arthur Neiva, chefe de serviço do Departamento de Medicina Experimental e, posteriormente, em 12 e 31 de Janeiro de 1933, é nomeado para o cargo de Diretor Geral da Diretoria Geral de Pesquisas Científicas do Ministério da Agricultura. Também foi diretor do jornal carioca “A Nação”, vinculado à corrente tenentista, e elegeu-se Deputado Federal Constituinte pela legenda do Partido Social Democrático³⁵ (PSD) da Bahia em julho de 1933.

Lobato queria trazer o Processo Smith para o Brasil e no lugar do carvão usaria o coco de babaçu, cuja polpa era extraída de forma artesanal para

³⁵ O Partido Social Democrático foi criado pelo interventor em Pernambuco, Lima Cavalcanti em 1933, fazia oposição ao Partido Autonomista de Pedro Ernesto, ambos contavam com lideranças tenentistas em seus quadros.

obtenção de óleo. Visava criar um novo tipo de economia no Nordeste, uma indústria acima dos “mandonismos” locais e explorada por meio da ciência, assim como no modelo usado por Henry Ford na exploração da borracha em Fordlândia³⁶, na Amazônia Brasileira.

Neiva torna-se uma ponte entre Lobato e seus trabalhos na Companhia Petrolífera e o governo Federal. Esses trabalhos passam a ocorrer a partir de março de 1932, pois pelo decreto 21.265, a Companhia Petróleo Nacional, incorporada por Monteiro Lobato, Lino Moreira e Edson de Carvalho, entre outros, é autorizada a funcionar e será responsável pelas prospecções em Riacho Doce, Alagoas. Em maio de 1932, pelo decreto 21.415, a Companhia Petróleos do Brasil, incorporada por Monteiro Lobato, Manequinho Lopes³⁷ e L. A. Pereira de Queiroz³⁸, também é autorizada a funcionar e, em agosto desse mesmo ano, tem início as prospecções no campo de Araquá (hoje município paulista de Águas de São Pedro).

Durante o período de 1934 a 1936, o assunto predominante na correspondência é o petróleo. Lobato contava com Neiva para a aprovação de projetos importantes para a companhia, tais como o afastamento de qualquer possibilidade de concorrência com empresas estrangeiras, como a *Standard Oil*, e o fim do controle denunciado por ele da empresa no Serviço Geológico Nacional que, por meio de espões e de relatórios que contestam a inexistência de petróleo no país, interferiam na concessão de licenças para a perfuração.

Além da busca por ajuda no governo federal, por meio da troca de ofícios com Juarez Távora (líder do Congresso) e o contato com Borges de Medeiros, presidente da câmara, para o financiamento de estudos Geológicos, Lobato consegue que o estado de São Paulo financie um geólogo alemão para os trabalhos em São Pedro. Durante o ano de 1936, percebe-se uma verdadeira guerra via imprensa, principalmente via “o Radical”³⁹, jornal que tem por editor o filho de Arthur Neiva, entre a Standard Oil e a Companhia de Lobato, que reclama da falta de apoio do governo federal.

A briga é contada no livro *o Escândalo do Petróleo* de Lobato (1936), sucesso de vendas, que irrita os dirigentes do país pelo tom agressivo de suas denúncias

³⁶ Fordlândia foi uma cidade criada por Henry Ford na Amazônia brasileira, hoje oeste do estado do Pará, para exploração extrativista coordenada da borracha, no sistema de *plantation*. Ford criou essa cidade no meio da selva, sendo extinta a extração por suas empresas em 1949 com a invenção da borracha sintética.

³⁷ Manuel Lopes de Oliveira, o Manequinho Lopes (-1938): entomologista, funcionário da prefeitura e jornalista. Em 1934, foi indicado Chefe da Divisão de Matas, Parques e Jardins pelo governo de São Paulo.

³⁸ Luís Augusto Pereira de Queiroz: Engenheiro formado pela Escola Politécnica. Membro da elite tradicional de São Paulo e membro do Partido Democrático. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922.

³⁹ *O Radical* foi um jornal fundado por João Alberto em junho de 1932, tinha o objetivo de apoiar o governo tenentista. Foi extinto em 1937 com a lei que limitava a liberdade de expressão no Estado Novo. O Filho de Arthur Neiva, Arthur Hehl Neiva foi editor do jornal até 1936.

e ataques pesados ao governo federal que, além de mandar recolher seus livros, inicia uma perseguição política a Lobato. O primeiro livro a ser proibido foi o infantil *Geografia de Dona Benta*, sob a acusação de ser separatista. Em seguida, ameaçam fechar *O Radical*.

Em 1937, Lobato e Neiva apoiam a eleição do paraibano José Américo de Almeida, candidato situacionista à presidência, quando ocorre o golpe do Estado Novo. Desiludem-se com o cancelamento da eleição e reclamam das perseguições às famílias, como a que moveu *O Radical*⁴⁰, atacando num artigo o irmão de Neiva (diretor da Casa de Detenção).

Em 1938, Lobato informa que as ações da companhia estouraram em vendas, e que intensificaram os trabalhos com a morte de um dos geólogos. Comunica ao amigo a morte de seu filho Guilherme. Ainda nesse ano, realiza-se a primeira assembleia de constituição da Companhia Mato-Grossense de Petróleo, após a criação do Conselho Nacional do Petróleo que, ao proibir a intervenção estrangeira no petróleo, pôs fim às brigas entre Lobato e a *Standard Oil*. A companhia é incorporada por Monteiro Lobato, Vítor do Amaral Freire e Octalles Marcondes Ferreira, entre outros, e fará prospecções em Porto Esperança, região do município de Corumbá, no coração do Pantanal, em área vizinha aos ricos territórios petrolíferos do *Chaco*, fazendo aumentar o interesse nas ações da empresa.

Em 22 de janeiro de 1939, em um poço em Lobato (localizado no subúrbio de Salvador, Bahia, em terras que no século XVI pertenceram ao fazendeiro Vasco Rodrigues Lobato, de onde se originou sua denominação), é descoberto oficialmente o petróleo no Brasil. Em carta de 7 de fevereiro de 1939, Lobato narra as perseguições de Fleury da Rocha⁴¹, em sua tentativa de calá-lo em São Paulo e de impedir a publicações de livros infantis, assim como seu sucesso com a descoberta do Petróleo na Bahia e em Alagoas. Em novembro do mesmo ano, a censura queima seus livros e o Estado confisca seus poços e boicota a autorização.

Em 1940, Lobato começa sua campanha contra o Estado getulista, publicando cartas abertas de crítica à ditadura via BBC. Em 27 e 28 de janeiro de 1941, uma equipe da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS), acompanhada de um representante do Ministério da Guerra junto ao Conselho Nacional de Petróleo, invade a residência e o escritório de Monteiro Lobato. O escritor é levado à DEOPS, qualificado e transferido para a Casa de Detenção (Presídio Tiradentes),

⁴⁰ Neste período *O Radical* já é fortemente influenciado pelo governo, tornando-se porta-voz da política varguista.

⁴¹ Domingos Fleury da Rocha, engenheiro de Minas, ocupou diversos cargos públicos: membro da Comissão de Metalurgia; diretor Geral do Departamento Nacional da Produção Mineral; membro do Conselho Federal de Comércio Exterior; vice-Presidente, Conselheiro, Membro da Comissão Executiva e Chefe da Divisão Técnica do Conselho Nacional do Petróleo.

onde permanecerá incomunicável durante quatro dias. Em nova operação policial, desta vez na sede da Companhia Mato-grossense de Petróleo, foram apreendidos vários documentos. Conduzido novamente à DEOPS e interrogado, Lobato assume inteira responsabilidade sobre as cartas enviadas a Vargas e Góis Monteiro.

O escritor é libertado em 18 de março de 1941, mas o Tribunal de Segurança Nacional decreta sua prisão preventiva. No dia seguinte, Lobato é novamente preso, levado ao DEOPS e, de lá, à Casa de Detenção. Após passar três meses na cadeia, Monteiro Lobato é indultado por Getúlio Vargas. O escritor ganha a liberdade, mas a imprensa, sob censura, é proibida de noticiar o fato. Em 6 de julho de 1941, em carta melancólica Lobato “se despede” de Neiva, falando da velhice, da decepção com a política nacional, da prisão e da sua enfermidade, mas sem perder a ironia:

Aquele sonho do petróleo, que durou 10 anos, terminou no maior dos effondrements. Tudo desabou, todas as Cias. Foram caçadas e trucidadas – e eu como o chefe da quadrilha e o verdadeiro culpado de tudo, tomei com 6 meses de cadeia. A minha sensação hoje, Dr. Neiva, é curiosa: de soterrado por uma montanha de Desapontamento. O meu consolo único está em que meus amigos sabem da história e compreendem tudo – e estão comigo. (...) Mas como andávamos certos no nosso pessimismo! E parece que a coisa ainda era pior do que imaginávamos. Adeus caro amigo. O mundo é o que é, e quem quer consertá-lo merece força. Viva o oportunismo!⁴²

Uma das características observada nos projetos de Lobato é sua tentativa de criar uma elite capitalista com ações em sociedade anônimas, um capitalismo empreendedor como o da economia americana. No quadro de sócios de Lobato estavam políticos, funcionários públicos, cientistas e profissionais liberais, pessoas que investiam parte de seus rendimentos na compra de ações das suas empresas sem certeza do retorno, muitas vezes acreditando em uma missão patriótica. Isso mostra um tipo de mentalidade diferente daquela das antigas elites econômicas que preservam seu capital de forma a concentrar renda de maneira nobiliárquica e fechada.

Considerações Finais

A análise da correspondência entre Lobato e Neiva num período histórico abrangente (1918-1942), e apesar da limitação da fonte específica e da impossibilidade de acesso a toda a coleção, revela alguns aspectos mais específicos e outros contraditórios, fruto da inserção dos personagens no cenário político nacional que, de alguma forma, complementa a historiografia da saúde vista sob um aspecto mais amplo.

⁴² Carta de 6 de Julho de 1941 de Monteiro Lobato para Arthur Neiva, CPDOC/ FGV.

É importante compreender que o encontro desses atores, dado em São Paulo, situa a problemática abordada na correspondência a personagens com forte presença nos movimentos ocorridos nesse cenário, ou seja, a articulação de Lobato com todo o movimento político que inicia uma oposição às correntes oligárquicas paulistas representadas pelo PRP e a participação ativa de Neiva, dirigindo o Serviço Sanitário e os Institutos Butantan e Biológico, fatos que selam uma amizade que também caminha para a convergência de visões político-econômicas e ideológicas. A frase de Lobato referindo-se a Neiva como “o homem moderno, isto é, o homem de ciência para o qual não há salvação fora dela” (carta de Lobato, 13/02/1931, *grifo nosso*) e sua adesão à divulgação da ciência é uma dessas convergências, trabalhada num círculo de intelectuais comuns, onde o positivismo tinha forte presença.

Outra convergência relaciona-se às questões nacionais. Durante todo o período, a preocupação com os rumos do país foi uma constante. Os movimentos nacionalistas que tiveram projeção, a partir dos levantes da década de 1920 até a chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, foram, para ambos, uma possibilidade de mudança na política agrária oligárquica, com críticas à herança lusitana, buscando mudanças na política desenvolvimentista do Brasil. Em relação ao movimento tenentista, foi apoiado por ambos, embora sem filiação. Neiva, além de ser nomeado interventor na Bahia, participa com cargos federais no primeiro período varguista, chega a dirigir o jornal *A Nação*, e junto ao seu amigo seu João Alberto, coloca seu filho Arthur Helh Neiva como editor de *O Radical*.

Outra questão que durante o período aparece, com divergências num primeiro momento, é a inserção do pesquisador Neiva em empreendimentos fora da área da saúde. Mais a frente, torna-se realidade com as parcerias em empresas exploradoras de petróleo, minérios, e por fim, o envolvimento de Neiva no setor agrário de exploração de laranjas. O traço empreendedor de ambos revela-se em diferentes momentos, uma visão liberal, com forte influência do modelo norte-americano e a necessidade de formação de uma elite capitalista para o desenvolvimento nacional, da qual nenhum dos dois se exclui.

Referências

- Benchimol JL, Teixeira LA. *Cobras, lagartos & outros Bichos: Uma História Comparada dos Institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- Brandão GM. *Linhagens do Pensamento Político Brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 2007.
- Brasil. Decreto nº 21.415, de 17 de Maio de 1932. Autoriza a incorporação pelos Srs. J. B. Monteiro Lobato, M. L. de Oliveira Filho e L. A. Pereira de Queiroz de tema sociedade anônima com sede em São Paulo e capital de

- 3.000:060\$0 (três mil contos de réis), exclusivamente nacional, com o objetivo de pesquisar formações petrolíferas e explorar as respectivas jazidas. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21415-17-maio-1932-524908-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Brasil. Decreto nº 21.265, de 8 de Abril de 1932. Autoriza o engenheiro Edson de Carvalho ou a sociedade anônima que organizar, a proceder a trabalhos de exploração de jazidas minerais no Estado de Alagoas. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21265-8-abril-1932-499070-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Carone E. *A República Velha*. São Paulo. Difusão Europeia do Livro, 1972-1974.
- Costa AM, Schwarcz LM. *No Tempo das Certezas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- CPDOC/FGV-RJ. Partido Democrático. [internet]. [Acesso em 13/11/2013]. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/PartidoDemocraticoSP>
- Faria LR. A Fundação Rockefeller os Serviços de Saúde em São Paulo (1920-30): perspectivas históricas. *Ciê. e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro; 2002; v(9) n(3): 361-390.
- Gomes AC. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2004.
- Hochman G. *A Era do Saneamento*. São Paulo: Hucitec. 1998.
- _____, Lima NT. Pouca saúde, Muita Saúde, Os Males do Brasil são... Discurso Médico Sanitário e Interpretações de Brasil. *Ciê. e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro; 2000; v(5) n(2): 313-332.
- Ibañez N et al. De Instituto Soroterápico a Centro de Medicina Experimental: institucionalização do Butantan no período de 1920 a 1940. *Cad. hist. ciênc.* São Paulo; jan./jun. 2006; v(2) n(1): 77-103.
- Instituto Vital Brazil. História. [internet]. [Acesso em 10/11/2013]. Disponível em http://www.vitalbrazil.rj.gov.br/instituto_historico.html acessado em: 11/11/2013.
- Koshiyama AM. *Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.
- Lobato JBM. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1951a.
- _____. *As Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1951b.
- _____. *O Escândalo do Ferro e Petróleo*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1951c.

Nunes C. *Monteiro Lobato e Fortunato Bulcão. O Sonho do Aço Brasileiro*. São Paulo: Editora Thesaurus. 1985.

Ribeiro MA. Saúde Pública e as empresas químico-farmacêuticas. *Hist. Ciên. Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro; nov. 2000 e fev. 2001; v(VII) n(3): 607-626.

Sá DM. *A Ciência como Profissão. Médicos Bacharéis e Cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz . 2006.

Sacchetta V. *Monteiro Lobato: Furação na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

Stepan NL. *A Hora da Eugenia – Raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Fontes Primárias.

Correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva. 1918-1942. CPDOC/ FGV.

Revista do Brasil de 1918 -1923. São Paulo: Biblioteca da FFLCH.

Relatórios Anuais do Instituto Butantan. 1919-32. São Paulo: Biblioteca do Instituto Butantan.

<p>Data de Recebimento: 19/10/2013 Data de aprovação: 21/11/2013 Conflito de Interesse: Nenhum declarado Fonte de Fomento: CNPq.</p>
--